

# COP30: Associação Zero de Portugal entre ativistas para exigir respostas climáticas

written by O Cidadão | 16 de Novembro, 2025



A associação Zero de Portugal juntou-se aos milhares de ativistas e indígenas numa **marcha em Belém** para chamar a atenção dos negociadores da COP30, reunidos nessa cidade da amazónia brasileira, para **exigir respostas climáticas**.

*“Uma enorme mobilização, um apelo gigante, para que os políticos na segunda semana possam realmente dar respostas em termos de ação e implementação à enorme crise climática que vivemos e que se sente também claramente em Portugal nos dias de hoje”,* afirmou o presidente da Zero, Francisco Ferreira.

Em declarações enviadas aos jornalistas, este ativista de Portugal adiantou que a manifestação de hoje em Belém, no Brasil, foi *“sem dúvida, uma das maiores marchas pelo clima que se tem realizado nestas conferências das Nações Unidas”*.

*“Precisamos de decisões que cheguem às pessoas, que seja aquilo que chamamos uma transição justa de combustíveis fósseis para energias renováveis e realmente as dezenas de*

***milhares de participantes fizeram esse mesmo apelo***”, reforçou.

No início da marcha, um balão gigante, com o formato do globo terrestre, chamava a atenção naquela que foi uma caminhada festiva, com música, perto do mercado na cidade que acolhe a conferência climática da ONU, desde segunda-feira e até dia 21.

A **“Marcha Global pela Justiça Climática”** contou com **“a adesão de mais de 30 mil pessoas de todo o mundo”**, segundo o movimento Cúpula dos Povos, e atravessou a cidade, com 1,4 milhão de habitantes, num percurso de aproximadamente quatro quilómetros e meio, entre o Mercado de São Brás e a Aldeia Cabana, organizada em blocos de Movimentos Sociais, Internacionalistas e da Transição Justa, e com paragem programada a poucos quarteirões do local onde se reúne a COP30.

**A conferência da ONU está protegida por dezenas de soldados e barreiras, algumas com arame farpado e está a ser marcada pela ausência dos Estados Unidos da América (EUA).**

Pela primeira vez, desde a COP26, em 2021, em Glasgow, na Escócia, a sociedade civil pode expressar-se livremente e sem medo de estarem sujeitos a prisões arbitrárias.

As três últimas conferências climáticas da ONU ocorreram no Egito, Dubai e Azerbaijão, países onde nenhuma organização não governamental (ONG) considerou seguro manifestar-se fora do local da COP, que é protegido e administrado pelas Nações Unidas.

Segundo o ativista português, a manifestação teve um grande destaque para a floresta brasileira da Amazónia, que **“está a ser comida aos poucos pelo agronegócio e também pela mineração”**.

Francisco Ferreira realçou ainda que há **“investimentos em combustíveis fósseis em muitos locais do mundo que não param**

***de acontecer” e, na realidade, o que se assiste é a um “aumento do uso do carvão, do petróleo, do gás natural, que é necessário evitar”.***

***“Isto, para não continuarmos nesta senda de aumento de 2,5 graus, 2,6 graus, em relação à era pré industrial”, afirmou Francisco Ferreira que revelou uma “enorme satisfação da Zero por estar”*** nessa manifestação na cidade que acolhe a COP30.

Uma marcha que, no seu entender, foi ***“perfeitamente pacífica, muito colorida, cheia de música, contrastando com aquilo que é a realidade, principalmente, dos povos mais vulneráveis, que não conseguem lidar com os enormes custos”*** na sequência do clima.

***“Eventos meteorológicos extremos que atingem todo o mundo, mas onde as populações no seu global, obviamente, têm cada vez mais dificuldade em lidar com cheias, secas, a subida do nível da água do mar que lhes tira o território”,*** indicou.

No protesto de hoje houve também apoio à causa palestina, com a presença e exibição de bandeiras da Palestina, embora o grande destaque fosse o clima com foco na floresta Amazônia e nos povos indígenas.

As comunidades indígenas brasileiras exigem ter voz e maior participação, serem ouvidas e entendidas, no seio das discussões que já foram interrompidas por duas vezes pelos manifestantes.

A primeira, foi na noite de terça-feira, quando invadiram o local da COP e entraram em confronto com as forças de segurança. A segunda, foi na manhã de sexta-feira, quando outros manifestantes indígenas bloquearam a entrada principal para forçarem reuniões de alto nível com as autoridades brasileiras.

As autoridades brasileiras reforçaram significativamente a segurança no decorrer desta semana no Parque da Cidade, local

do evento, num esforço de evitar distúrbios.

OC/MP